

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº71 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

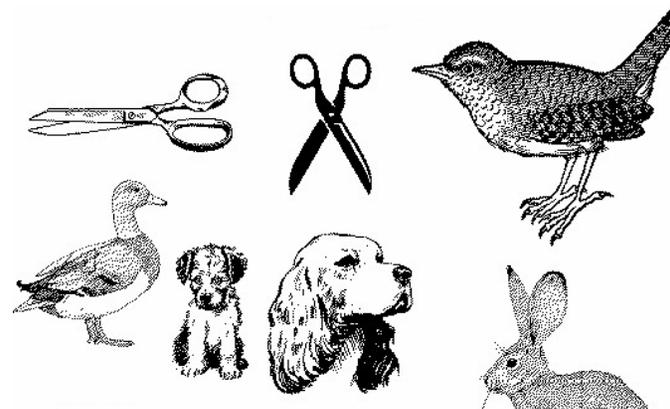
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

71



CONTOS VEROSSÍMEIS - PEDRO BUNDA

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS



Quem é quem? Ele mesmo, coitado, só conheceu o irmão e a aparadeira. A mãe morreu no momento em que os gêmeos nasceram.

Do pai não se tem notícias. Um escravo talvez que fez mal a uma filha de lavadeira do Rio das Éguas. Hipótese conversa do povo.

- A finada Sabina Parto-Bom, qui deus conservou viva até depois de novecentos e trinta, sem volta nem arruéis de mentira, cansou de falar do parimento dos dois meninos. Eu mesmo não vi eles chorar no refúgio da luz, mas dei banho neles pequenim, traquim e eleijadim qui nem hoje cês conhece eles.

O velho João-Cego-do-Outro-Lado-Vizim-de-Agnelo, falava com a autoridade dos seus oitenta anos lúcidos. O pai fôra escravo e jagunço de Severino Magalhães, o homem forte da vila de Correntina que incendiou Santa Maria da Vitória, no século passado. "Seu" João quando veio morar Do-Outro-Lado é porque já não tinha mais lugar onde se socar. O pai e ele andaram meio século perseguidos por todos os gerais e cafundós da Bacia do Corrente. Viveram dez anos escondidos na Tamarana, pertinho, légua e meia, do lugar onde se registrou o parto.

- A notícia correu, num arranco de cavalo brabo, pavorado, todo esse meio mundo da Correntina de São Sebastião dos gatos. Gente assombrada que não caiu no mato, fez calo grosso de joelho na penitência das rezas. O espalhado espalhô que uma preta fugida tinha parido um bicho de oito pés e duas cabeças.

E continuando a narração, o velho João-Cego-do-Outro-lado-Vizim-de-Agnelo reforça:

-Castigo mais grande não carece. Cruz! Creindeuspad! De novecentos não passará! Era niquin se via dizer nessa ribeiras. Foi um Deus nos acuda.

A Véia Sabina Parto-Bom costumada com parimento, derna de bicho do mato até passarim da casca de ovo, só não vingou salvar a mãe, mas os nascidos escapou. Fôro que nagurou a bacia dela, de flandres, novinha em folha. Trabalhava dez anos com uma gamela de umburana já quase furada de lavar e raspar gosma de parto. O restante era uma tesoura de cortar tripa, cordão, fumo e cachaça alcanforada pra amarração e cura de umbigo e toalha curada na fervura das folhas de eucálio. Era a mais confiante aparadeira daqueles tempos que os povos dos tabuleiro da Tamarana tinha.

Pensa que tinha nojo dos parto? Qual quê! Colhia os meninos que nem colhe algodão de flor, cuidando pra não ter só uma banda. E sempre dizia: todo trabaio do mundo rende a mesma medida. A colheita da plantação só é alegre mode a semeia que é suada. Na dos viventes só é triste mode que no plantio só teve gozo. Tudo que veve no escuro do ventre vê a luz mermo depois de morto. se Deus não ajuda e Nossa senhora do Bom Parto dispensa.

Era preta sem leitura - e persignando-se com uma cruz mal traçada na testa -qui Deus proteja o céu. E continuou: mas, media bem os sintomas do mundo. Quando chegou já fazia três noites que a nega gemia. Barrigão que ia lá fora: Bucho de menino homem. Derna seis meis que ouvia o chorim toda vez que eles se mechiam.

Na contage das luas com os disconti do cio, já tava fora de prazo.

Mãe-de-corpo já sem dor de gritar. Três horas de labuta com adjuntoro de trinchete.

“Seu” João fez aí uma pausa inconsciente de quem se mostra cansado. E passou o dedo na testa como quem procura suor. Mais uma vez continuou:

- Setestelo já tava em riba; galo cantando, noite caduca, quando Deus se fez servido.

Todo mundo se esconjurou trememente de medo e variante nas idéias más, quando viu aquele macaquinho de oito pés chorando pelas duas cabeças que ele tinha. Santo Deus, orai pronóbis! Não era bicho nem nada. Vieram foi apregado, os dois, pela bunda de trás, só um lado, como Deus fez, na denúncia do pecado e do mal-feito. Mãe morta pra assombro dos pecadô.

A mãe foi enterrada no canto da porta, pro nascido não chorar longe dela. Leite de duas pretas e de duas cabras paridas, mais chotão de farinha de mandioca e rapadura, com a graça de Deus escaparo do mal-de-sete-dias.

Conhecente do mistério, Sabina Parto-Bom só deu por terminado o serviço e a caridade quando retaiou os dois mambações mode separar o apregado. Febre, postema supurante sem reima, quandé-fé ficaro bom. Só vendo se crendo!

Mode que nasceram dia de São Pedro, a véia Sabina carculô logo que a mãe foi lotada no dia de São Migué pelo regulamento dos dias. Nove mês justo sem tirar nem botar. Apois sim, no batismo, consoante, Pedo Migué e Migué Pedo: dois neguim de bunda estufada, um dum lado e outro do outro. Tudo aí vivim pra mostrar o poder de Deus e da Virgem Maria.

Mais grande bigode, nascendo, vestido igual homem, de calça e casaco de Festa do Rosário Correntina, os capadócios, que não gosta de vê pobre vestido, pelidaro Pedo de Pedo-bunda e Migué de Migué-Revórve, pelas parenças de ter uma arma nos quartos. E os coitadim inté hoje não tem outro assento de nome.

O certo é que essas duas criaturas vieram ao mundo como uma réplica cabocla de Chiang e Eng, que em 1811 saíram da Tailândia para assombrar Nova Iorque. Não se tratava de irmão siameses o nosso caso teratológico. Tampouco de xipófagos.

O fato repercutiu em todo o São Francisco. Barqueiros, canoieiros, viajantes e ciganos que transitavam na área, se encarregaram de espalhar naquele meio de mundo o estranho parto. Por pouco não se tornou legendário.

Para conhecê-lo melhor, não faltava visitantes ilustres. Dois naturalistas e aventureiros franceses, Charnac e Dr. Frot que, nas décadas de vinte e de trinta, por lá andaram, pesquisando minérios, chegaram a dialogar com Sabina Parto-Bom acerca de seu sucesso cirúrgico. Este último, Frot, fez o jornalista Alfredo dos

Anjos da revista carioca A NOITE fotografar a parideira, na promessa de divulgar-lhe o feito e o nome prometendo, ainda, no retorno, nova visita, o que não ocorreu por ter sido misteriosamente assassinado no Rio de Janeiro.

O padre Camile Taurend, mineralogista e taxidermista, membro da congregação do colégio "Padre Vieira", de Salvador, na mesma época, andou no rasto dos seus antecessores, a fim de sigilosamente, verificar a incidência de galena e de prata na Serra do Ramalho. Duas esposas muito impressionaram o padre Taured, segundo registra Quinca Atayde, seu anfitrião. Um foi Elias Borba, tabaréu autodidata, que conhecia bem álgebra superior. A outra foi a aparadeira Sabina Parto-Bom por ter assistido, e com êxito, os partos mais esquisitos. Anotou, com riqueza de detalhes, o caso da Tamarana. Examinou pessoalmente os corpos de Pedro Bunda e Miguel Revólver e achou razoável a operação, revelando evidentemente, a pobreza de recursos com o que se procedeu à seção dos ilíacos colados.

Os gêmeos, nessa época, já eram adultos, e desde a infância apresentavam temperamentos e caracteres diversos. Miguel Revólver, monossilábico, irascível e truculento. Mesmo desarmado, era audacioso e parecia, graças aos defeitos de nascea, portar enorme revólver quarenta e cinco. Veio daí, talvez, sua tendência à valentia e às arruaças.

Pedro Bunda, ao contrário, sempre afável, pacato, habilidoso e comunicativo. Este extrovertido, aquele introvertido. Um, pobre de espírito, o outro, Pedro Bunda, inteligente.

Essa virtude - quem sabe! - tenha permitido Pedro Bunda, na mocidade, desfrutar da importância da sua singular maneira de vir ao mundo. Pôde, inclusive vivê-lo até com vaidade e orgulho, toda vez que gente importante dos lugarejos e de fora visitavam curiosos sua maloca.

Com a morte de Sabina Parto-Bom o fato perdeu atualidade e foi quase de todo esquecido. É que, por outro lado, se vulgarizou, em meio a outros casos teratológicos surgidos na região.

O Pedro Bunda da década de quarenta atingira a maturidade de espírito quando já beirava os sessenta anos. Preto, careca, com um resto de carapinhas e um cigarro de palha atrás da orelha; e precoce perda dos dentes e os beiços proeminentes e repuxados pelo longo uso do cachimbo de barro, agravavam seus traços de prognato acentuado. O prognatismo sugeria simetria com os dois enormes papos que pendiam do pescoço como duas laranjas pretas e lisas. E como se já não lhe fosse bastante ingrata, a natureza ainda entronchou-lhe o pé esquerdo vingando-se da perícia de Sabina Parto-Bom.

Cego de um olho, Pedro Bunda assumia, às vezes, gestos exclusivos dos que posam a Camões ou a Benjamim Franklin, sério solene, perscrutando, por trás de óculo bifocal imaginário, o fio das conversas.

Se absoletando em uma cadeira de encosto cruzava infalivelmente a perna esquerda enquanto pendia a cabeça calva à direita, revezando de quando em quando, as pernas, como se fosse a mercê de uma bengala apoiada ao joelho.

Abstraindo-se-lhe a cor; o olho cego, vidrado e branco, o prognatismo e o traje modesto de indumentária; a barba mal tratada e rala, ter-se-ia a cópia viva desses velhos retratados de coronéis e de intelectuais posudos do império, que, tão freqüentemente, adoram as paredes dos tabaréus abastados. Essa postura fazia

com que se apercebessem os pés descalços de marcantes rachaduras nos calcanhares; os artelhos deformados e o labirinto infundável dos remendos mal cosidos espalhados pela calça e camisa de pano rústico, amarrotado.

Podia ocorrer de, em uma luta mesa, Pedro Bunda, por cerimônia, recusar o melhor dos manjares, porém o palito nunca. Era formalista. Fazia parte da personalidade que sua imaginação procurava criar. Como um homem fino, educado - parecia acreditar - não dispensaria, jamais, o palito para virgular as conversas após refeição com um chichiar sibilante de canto de boca, na ilusão de que ainda lhe sobrava os dentes de há muito apodrecidos.

Vaidoso e inteligentes como poucos Pedro Bunda tinha enorme facilidade em aprender e imitar os gestos e a postura de pessoas ricas, importantes, e, no lugar, tidas como educadas. No tirar do chapéu de palha furado; no cruzar as pernas, os pés descalços; no rascar o artifício primitivo de silex, procurava dar a impressão de estar o ostentando o melhor chapéu panamá; o isqueiro mais moderno; e o borzeguim mais delicado e permanentemente trêmulo, agitado, como se quisesse mostrar a alegria dos pés, conforme pose dos antigos. E, aqui e acolá, buscava, solene, com os três dedos principais das mãos, um bigode e uma gravata inexistentes.

Tivesse ele um relógio e ninguém melhor e com mais arte o arrancaria do bolso do colete para as consultas propositais de efeito, pois, na falta deste, Pedro Bunda manejava hábil e constantemente uma verônica-medalha santa - que trazia no bolsinho do paletó e presa de cordão à lapela.

Possuía linguajar caipira, matuto dos mais atrasados, oscilante de "promode" ao "derna donde", ao arrepio mesmo das tendências anormais das corruptelas linguísticas. E tudo com mímica, expressão facial e flexão vocal inteligentemente copiada para a necessária aplicada ao prosear moderno a afluenta, mas, não raro, em estilo repassado de arcaísmos seiscentistas de um dialeto, há três séculos, perdido entre o São Francisco e Goiás.

Após uma concorrida visita a estudante falastrão e espirituoso de Salvador que foi passar férias em casa de pai rico, Pedro Bunda se despedia cerimonioso, circunspecto, curvo, excessivamente recurvado, apertando com a direita a mão de futuro doutor, articulava grave a sua frase de sempre:

- Consoante forgo. E fazia uma pausa talvez para ouvir satisfeito o eco de suas próprias palavras. Queria dizer que folgava em conhecê-lo e, já, saía de si para, na próxima esquina, comentar a visita com o primeiro conhecido, Adenor Mariano.

- Certo não sei, mode qui, pro via de sabença e pouca leitura, não divurgo; mais, porém, desses dotô novo, filho de Santa Maria e num arredado de vinte léguas, o miozim, na ciênça dos livros mermo é minino do coroné Antoin. Zé Rosendo disse qui não, mais eu quero que - e olha para cima como quem calcula - que pulo menos três línguas e uns dez idiomas ele já deve estar falano. Não intindi quaje nada, porém tô satisfeito.

No dia seguinte prosseguia o ciclo de visitas a recém-chegados das terras distantes: o viajante vagabundo daqueles rincões; um outro iniciante de ginásio, ou o novo promotor da comarca. Cumpria, assim, nos três ou quatro dias que permanecia na cidadezinha, essas obrigações sociais tão comuns aos homens importantes da região.

Não só julgava importante, mas também ele, Pedro Bunda, era tido como um homem civilizado, fino e instruído pelas almas simples, supinamente incultas e miseráveis que habitavam o tabuleiro da Conceição, onde o nosso homem pontificava influência e celebridade.

Ouvia nessa via-sacra de visitas os assuntos mais variados e inacessíveis ao seu limitadíssimo conhecimento. Porém, traduzia facilmente, nos termos das dimensões do seu pequeno mundo, tudo que lhe parecia compreensível e razoável. E carregando, repleto, essa enorme bagagem de três dias de palestras, rumava dose léguas a pé, para, remoendo e traduzindo de maneira nem sempre inteligível, despejá-la, o resto do mês, na cabeça dos vizinhos obcecados com as “novidades do porto” e do mundo

Lá no seu mocambo se assistia ao inverso: o visitado era Pedro Bunda. Cumprimenteiro e envaidecido transmitia aos visitantes, que confluíam de uma e de duas léguas de distância, todo um manancial de “causos”, fuxicos e comentários, e, não raro, com audaciosas incursões nos assuntos mais privativo dos doutores, do padre e dos chefes políticos. Ouviam-no esparramado pelo chão ou sentados nas raízes do ambuzeiros frondoso da porta do mocambo, horas inteiras, estarecidos, admirando-lhe as tão elevadas relações sociais com viajantes da casa da Bahia, “coronéis” políticos e com os “dotô-estudantes”.

- Ô seu Pedro - aproveitava uma pausa o visitante –si mal pergunto, vancê falô da inleiçõa cum coroné Nezim, pai de nós tudo?

- Sem dificuldade, respondia Pedro Bunda. Esse termo dito triplicando-lhe o “a” e seguido de três balanços positivos da cabeça e uma longa pausa, deixava maravilhado aquele auditório parco de raciocínio e rico de remendos.

E, por mais paradoxal que se afigure, essa palavra, “dificuldade”, soava aos ouvidos daquele infeliz como a mais bela da língua portuguesa.

Pdro Bunda era o único cristão do Tabuleiro da Conceição que se dava o luxo de frequentar, mês sim, mês não, o porto de Santa Maria da Vitória. E não só isso, mas também participava da sociedade local, já que se mostrava íntimo do “coronel” Fulano-de-tal, do capitão Beltrano, de dona Cicrana, etc. Ademais, tinha sempre o cuidado de trazer alguma folha de jornal, não o nome. Ninguém daqueles cafundós sabia ler. E se alguém pagasse o jornal, era para se admirar do estonteante formigueiro de letras miúdas que só Pedro Bunda e o povo da cidade decifram. Do teste ele habilmente se furtava alegando “vista turva e sem divurgação” em fase da idade. Entretanto, para aqueles absolutamente incultos, fingia ler as notícias que, às vezes, estavam de cabeça para baixo. A presença de uma gazeta fosse qual fosse a data ou o ano, na sua tapera, lhe imprimia autoridade e cunho de veracidade às novas que trazia do porto.

Naquele mundo de tiradores-de-mel e de jacas-tatu do tabuleiro distante, Pedro Bunda era, de fato, um homem importante. Quando não o fosse pelo dinheiro - e isto, então, não possuía-, admitiam-nos os seus vizinhos pela sua capacidade de falar e de ser entendido por pessoa do “mundo-de-lá-de-fora”.

E aqueles cinqüenta ou cem vizinhos superpobres que se espalhavam dentro de um raio de cinco léguas, se sentiam, como isso, menos inseguros e até protegidos por ter alguém que os ligava aos demais exemplares civilizados de espécie.

Nisso, e somente nisso, residia a sua ascendência sobre os vizinhos, pois era tão pobre quanto o mais miserável deles. Casebre de pau-a-pique coberto de cascas, cercado de um pequeno terreiro arenoso e quase inculto, era todo o bem de raiz que Pedro Bunda possuía.

Nem caía-lo pôde algum dia. Os móveis - se assim os podemos chamar - se resumia em uns três caixões velhos de querosene para guardar os "trens"; dois bancos rústicos; uma forquilha de três braços sobre o que se apoiava um pote desbeigado e sujo; duas esteiras-de-tábua e uma rede de embiras que serviam de cama; meia dúzia de tocos de madeira enfiados aqui e acolá, nas paredes frágeis para servirem de cabides a um facão velho, uma cabaça, um surrão furado e aos trapos da indumentária miserável. Os "trens", utensílios íntimos da cozinha e da mesa (mesa no sentido figurado), não iam além de uma gamela e pratos de pau, uns coités, panelas de barro, dois "flandes" para beber água e uma colher de sopa meio enferrujada para doses de remédios e uso de visita cerimoniosa, a espingarda pica-pau, co de guarda-chuva, Pedro Bunda possuía. Usava, às vezes, um bodoque com arco de pau-pereira para matar passarinho do mesmo modo que espalhava raras arapucas com que aprisionava algumas rolinhas incautas.

Se bem que vivesse no século da eletricidade, a sua choça conhecia apenas a lamparina de óleo de mamona e o rolo de cera de abelha que se acendiam em caso de necessidade, de vez que normalmente, ele e a esposa, a velha Leocádia, se deitavam à boquinha da noite.

Viviam sós, Pedro Bunda e a velha Leocádia, devidamente casados no religioso e, por influência dos vizinhos, na velhice, casados também no fogo de São João. Até trinta e oito havia mais gente na sua tapera; Nucência, sua filha, e netinhos barrigudos, prenhes de lombrigas.

Depois que esses parentes se foram, o casal de pretos se viu cercado apenas do que Pedro Bunda chamava de "criaçõzinha besta", expressão muito usada, por modéstia, entre os pequenos fazendeiros de até cem cabeças de gado. A "criaçõzinha besta" de Pedro Bunda, no entanto, não ia além de um galo e uma galinha; uma choca, uma pondo e outra com meia dúzia de pintos verrugentos.

O cachorro magro e raquítico nem se podia incluir na paisagem do lar miserável pois vivia mais - légua vai légua vem - de casa em casa dos vizinhos mais próximos, onde eram menos raros os escassos restos de comida.

Pedro Bunda era toda via um solitário dos gerais. Raros os dias que não aparecia um conhecido para prosear sob a fronde do umbuzeiro. Não só porque o homem atraía os apreciadores de "causos" e novidade do Porto, mas também pelo fato de seu mocambo estar localizado entre a Conceição e a cidadezinha de Correntina, para cuja feira e comercio animados acorriam os matutos da região. A passagem pela casa de Pedro Bunda era, pois, quase obrigatória.

Logo cedo, pela manhã, Pedro respondia ao primeiro:

- Lovado seja nossinhô Jesuscristu, seu Pedru Bunda.

_ para sempre seja lovado nós tudo. De manhãzinha assim, né seu Bertulameu? - e lá ia encompridando a costumeira saudação a fim de segurar o viajor para um bate-papo.

- Né tão cedo, seu predu. Condi eu sai de casa inda tava iscuero, inhô sim, mais tive que fazê um rudeio pula vage de cumpad Manézim de Filó modi piá o carralu qui anda sôrto sem chucái, vaiaco e infuluído nas éguas dos ôtus, nã discuidano na idade mostrante nos dentes das presa, qui já conta vinte era, sem tirá nem botá dois mêis qui nã mamô, modi que a mãe, inté novinha ainda, morreu de espinhaço quebrado, cedo, no boqueirão das lage, inhô sim. Consoante sem

mistério, derna qui sofrente de tombo di dismintido di ispinha nã si cunhece nem meizinha, nem reza forte de curá criação, munto mênu carralo e égua qui Deus feiz, nã di tudo, cuma bem fraco das pernas, apois morreu, pra si tê notiça três dia dispois.

Era suficiente. Bastava esse dedinho de conversa para Pedro Bunda inteligentemente indagar sobre o cavalo e, desde logo, apresentar-se fidalgo.

- Vamos abancá meu fii. Ô Locada trais um banquim aí modi Bertolameu de Zuina de Remunda tê um aliveio da viagem.

- Quero sentá não, seu Predu Bunda. Essa leguinha não ismurece ninguém não.

- Ochent! Mode quê! Cê vai é pegá um istupôro no aruvaio, - Deus livre! - cedim sem sol. Jeromi de sá Filipa, asturdia, levou aruvaio na caixa dus peito na ida e só vortô muntado cum adjuntoro do jegue de Henrique de Baraúna; istuporô e sentoma de rematismo disviado do cangote.

É o tempo em que velha Leocádia traz um banco e distribui o seu.

- Nossasenhora l'abençoe meu fii. Adeusim, como vamu? Remunda tá mió?

- Abaixo de di Deus vamu tudo bem - e levanta um pouquinho o chapéu - sem suberba do mundo, cuma bem, sem privança de resguardo da pecaonha.

Quelementina continua fazeno vermimi cum lumbriga a cabra di sangue. Na razão do mastruço tá sintino miora das cólças.

- Acocha, seu Berta, cum simente de abobra seca, di manhã in jijum. Abasta meio coité. Nã carece mais. É um santo remédio. Mata as lumbriga tudo.

- Quem haverá di dizê! Simente de abobra! Veja a inguinorança cuma é, né Pedru Bunda? Jirimum ou abobra de porco?

- Quarqué uma - volta siá Leocádia, i u resguardu mermo é contra vê foia verdi sol arto, no dia qui toma o remédio. Rijume de cumida leve sem feijão nem farinha. Chá cum bulacha ou frito. Doce? Nem vê! Mas antes de sol entrano, bota das miudinhas inté as solitara.

- Assunta! E nós quebrano a cabeça cum remédio de casca di manga mastruço inchada! A inguinorança, né seu Pedru Bunda?

- É e nã é, e quandé-fé-é. E soltava uma baforada de cachimbo de barro com canudo de mamona, calmamente, sem pressa de prosseguir, certo de que o inicio da resposta tem efeito fulminante sobre o interlocutor, que se limita, ante o enigma, a dizer, conformado e tímido:

- Inhô sim.

Pedro Bunda, já cavalheiro, completa:

- Nem tudo qui Deua vê o homem diverga nas ciencias do dotô. O contrareio dos mato só tá na farta da sabença dos iscundidos das fulô, das simentes e das raiz, cuma bem os contrareio das reza tá nas pronunça das incumenda supricante.

Nã vê, prinsempru, o resguardo da batata de burga? Nos cárcul dos home uma sumana; no regulamento dos dotô quaje não travessa o dia.

Deus condi feis as coisas, feiz, bem feito, meu fii, cum dispensa de lavra e sem caricimento de indireita, nem aparo. O contrareio tá no capricho dos home quinem conteceu com véi Simão de Fostina que deu veneta modi indireitá o pé torto do fio mais novo e triminou alejando a canela toda do bichim.

Os remédios tão aí mermo nos mato.

Não tem um mato, uma rama sem valia de conseio. As doença vem da terra e da tremosfera ...

- Qui é tremosfera, seu Pedru Bunda?, indaga já atônito seu Bartolomeu. Deus mi defenda!

- Tremosfera, na língua dos dotô, é os are.

- Inhô sim. Vê a inguinorança. Magine gente, qui eu cumprindi no prano de argum bicho bruto esse tal ... - e preferiu não aventurar pronunciá-lo.

- Apois é dos are, esse mermim, qui faiz fartá o fôrgo, inhô sim, e qui só é cativo pros passarim voar.

Cuma dizia, as duenças vem da terra e dos are cum bastança di miricimento. E é conhecente disso que os pés de pau guerreia cum meizinha de chá e de tintura, derna o fundo do chão, in baixo de nóis, inté in riba, na tremosfera.

Tanto qui condi o ciúme é grande a tremosfera arriune redimunho de vento que arranca foia e pau cum raiz e tudo. Ele passa o verão todim assim pruveitando qui os coitado dos mato tão mais fraco, carente do verde. Certa da hora que as água vem pra modi oxiliá os bichim - não vê a arenga é grande lá nas nuve. E os are macumana comandita de ventania, relampre, truvão, rai-curisco - Deus livre! - dos lugá pra presseguir as chuvas cum zuadeêro e mangação de assubeio.

- É de vera! responde convicto seu Bartolomeu, a essas altura sentado e esfarinhando com as palmas das mão o fumo do cigarro em preparo. A lúcida aplexica acerca da mecânica celeste que acabou de ouvir o fez esquecer as sete léguas a pé que tinha pela frente ainda.

A velha Leocádia ouviu todo esse oxórdio futucando o cachimbo de barro com o velho grampo de cabelo. Com dois pipocos de suas bochechas murchas e o recuo dos dois papos de meio quilo cada, o cheiro brabo de sarro anunciou o inicio dacuspideira. Apesar de sonoros e abiformes, os cuspes dos dois cachimbos e de cigarros de palha não mais atraía os dois pintos pelados e magros que sempre rondavam par ali à procura de desjejum.

Mais dois dedos de prosa já estão passando os dois meninos de Epifânio de Siá Viríssima, mal trapilhos e sujos de um mes sem banho, puchando uma cabra leiteira que amamentava os filho de Jeremias-de-Baixo.

- Bença padim; bença sá Locada; bença seu homi! e, à medida que os dois meninos disparavam por toda a banda ao mesmo tempo, as " benças", os abençoantes desejavam os " Deus potreja", os " Deus faça feliz" de uma só vez , fazendo com que as mãos cruces mal arranjadas e sem pontaria, a esmo, para não perder o fio da conversa.

- Já vortô, seu Predo Bunda? É Januário-da-ponte-de João-Grilo que, na passagem, freiou o cavalo para uma conversinha ligiera. Distribuiu em seguida " bom-dia" nominalmente a cada um, cruzou a perna por sobre o cabeçote a fim de se sentar mais comodamente na cangalha.

- Bom dia, vamo apiá seu Jinaro.

- Posso não. Vô na Correntina inda mode tá aqui antes da boquinha da noite, inhor sim, se Deus quisé. Meu interesse é pouco, pru quanto qui visita o mermo velho li fazê de amanhã a oito, tempo qui acabo a cerca do chiquêro.

- Ô Locada , percura aí otro banquim...

- Carece não. Cuma vai vançê, sá Locada?

- Pulejando, cum a graça do céu, amém nós tudo. Dismonta, vamu homi, abanca nem qui seja um tiquim! Nem toda carrêra é pressa e olhando para o lado de "seu" Bartolomeu - nã é gente? Onde já se viu?!

- Deixa de avexame, homi!

- Posso não, seu Predu. è avexame di pricisão. Vô vê se Remundo Sales mi fia vinte minréis mode perpará a safra de mío. Aqui in riba nã se presumi nem se adiquere.

- É de vera. Os tustãozim qu'eu juntei mal deu mode interá as compras. Qu'essa caristia nã truxe mais de duas capanga, bisaquim, de trem pula metade. Fim de mundo! Condi mi alimbro qui, na quadra de vinte, cum uma pataca de argodão descaderava um jegue, - né Leocada? - quem avera. É a incrise de caristia, gente.

- Verdade! - considera o cavaleiro, já desanimado com o insucesso da insinuação.

- Lá no porto já falava das inleição? É sé condi chove umdinherim aqui pru riba,nos mato, mode vieti e matá a fome dos pobi, graças a São Bom Jesus da Lapa e os home da situação.

Pra gulora e disaperto dos piqueno, pobi de pobreza, mais porém rico da graça de Deus, a felicidade é que o coroné Antoin nã deixa fartá nada. De um tudo dá, é um chapéu, uma roupa, um bruzeguim. Ninguém vai nu pra rua mode votá.

A incrise - prossegue - é qui nem praga, deu inté nas inleição. Magine que as lezes do gunverno cumpre que as inleição, dorinvante, é no mêrmo dia ni todos lugá das Nação.

Consoante, prus inleitô nã votá duas veis, só prejudica os piqueno e potreje os grande.

Cansemo de votá na Santa Maria e , na mêrma sumana, votá cum o coroné Féli da Correntina, cum o coroné João Duque nos cocos de Carrinhanha, inda caminhá qu'esse povo todo, trinta eleitô, quarenta légua mode votá no coroné Chico Fulô, ni Santana dos Brejos, vortando tudo satisfeito pras roça, cada um cum dois, treis liforme, inchada e foice. Agora quero vê! Hum! Ninguém é Santantonho, mode tá na mêrma hora, sofragante, ni dois lugá.

- Quem é besta, né sá Locada, né seu Berta, mode s'ínfuluí? Tudo, tudo é qui nem aconseia seu Predu, tudo é no prepósito de prejudicá os pobizim qui abaixo de Deus quem salva é a inleição. Quá! Se a cuiêta desse anos fô qui nem a do ano passado qui o feijão quemô fulorano e os mío bunecano, - Quá! - Tô mais aqui não. Só si fô pru castigo dos pecado. Arribo cus meus tudo pru Guaiáis. Dusenta léguas pr'onde tá seu Martiniano Cavarcante de Dona Arabela, ni Goiana de Anápli qui, no tempo qui morava aqui, nunca viu tropêço mode oxiliá os meu. Não dano certo aí - hum! tenho medo de anda nã - mais dezenta légua mode chegá no garimpo de Lagiado do Mato Grosso, cum Deus na frente.

Ano trasa arrecebi carta de Sarapião de Noca, meu afiado, qui isgravatô esse mundo todo e agora tá rico, pissuindo pra mais de cem arquêre de terra de ragadio e abundança de madêra de leis. Ochent! Tô pulejando aqui nã pru ismuricimento nem pru falença de corage, não.

Só não astrevi - nã é seu Predu, vancê mêmro sabe e nã deixa mintí nem rudiá - só nã me astrevi tarefa de arribada mode conceio seu e promessa de miora dos home de situação. Mas quem nã feiz na fulô dos ano, na veíce tem obrigação, dizia os antigo. Certo ô errado, errado ô certo, cobra quinã anda não ingole sapo e água quinã corre tremina chupada pru fundo da terra.

Pedro Bunda calculadamente deixou seu Januário-da-ponte-de-João-Grilo descarregar a revolta. Admitia o dasabafo. Com efeito, era de causar até protesto a notícia de uma só data para as eleições em todos os municípios. Na verdade, sempre fora assim. Ocorre, no entanto, que nenhuma fiscalização existia até então. Ou, se existiam esta era burlada pelo poderio dos donos dos lugares. e os vizinhos de Pedro Bunda - o povo de "seu" Pedro Bunda, como chamavam os chefes políticos - eram aliciados à base, ora de roupas, ora de par de botinas ou de borzegueins, ou chapéus para votar em vários municípios onde as atas das seções eleitorais eram redigidas com a data atrasada.

Não podendo votar mais que uma vez, reduziam-se as possibilidades de dar indumentárias àquela pequena comunidade de miseráveis, extremamente, atrasados que, a exemplo do que ocorria no resto do maio rural do País, se deixava inconcientemente subornar.

Para aquela gente que trabalhava o ano todo na agricultura e mal conseguia modesta roupa nova para a festa do Rosário, em Correntina, e festa do Divino, em Santa Maria, as eleições, de fato, eram consideradas uma benção dos céus.

E era somente através das eleições e dos impostos que aquela gente tinha conhecimento do governo, pois nem o recenseamento decenal chegava àqueles ermos do Tabuleiro da Conceição.

Pedro Bunda ouviu pacientemente a arenga, intercalando, aqui e acolá, um "é de vera"! ou um "assunta"!

- Nã tem dificuldade não, seu Jiuaro. Nem carece arribá. Condi Deus tarda é que já vem no camim. Pru contrareio do "Sujo" - e fez uma cruz na boca - , tarvêis cumpad Remundo Sales teja no bom apurado mode adjutorá os pobe.

- Cum feindeus e a Víge Maria. Adeusim pro cêis tudo! Vô descendo mode vortá cedo. Deusim! Resignando e se inclinando para consertar a espora do pé direito, deu marcha ao seu cavalo esquipador.

A prosa não se estendeu muito porque, logo, minutos depois, "seu" Bartolomeu resolvia também enfrentar o orvalho do amanhecer. A pé, o banho era inevitável no trilho sinuoso a que ficou reduzido o estradão dos carros de bois. O fedegoso, o mata-pasto, a malva e outros matos de beira de estrada mais metro, desde que brotaram da terra com as primeiras chuvas de outubro. Deles, com qualquer toque, desabavam pencas de orvalho frio. Mesmo ensopados até a cintura, Bartolomeu de Raimunda "ruminava" no cérebro as conversas de Pedro Bunda. Seu Pêdo é quaje dotô, era de sê dotô e coroné, causo nã nascesse preto qui nem anum e apregado ni Migué Revórve qui só tem afobação.

As novidades e os conhecimentos bebidos em dois dedos de prosa dixaram-no de cabeça cheia e ansioso para retornar à sua família antes que esquecesse tantas tantas lições. Na volta era certo, presentearia a Pedro Bunda um bocadinho de sal ou de fumo.

Pedro Bunda, na realidade, não se achava tão necessitado de uma coisa ou outra. As visitas feitas em Santa Maria lhe renderam suprimento para mês e meio, e ainda com sobras para se fazer de grande, na exibição de um cafezinho e dois foguetes nas ladainhas com o que calculadamente reunia aquela pobre gente dentro de seu mocambo e em torno de uma gravura velha de um santo qualquer aproveitado de alguma folhinha de Biotônico Fontoura ou do Capivarol.

É que os familiares dos seus visitados, em Santa Maria, ou em Correntina, nunca esqueciam de acrescentar à mochila de Pedro Bunda uns torresmos, litros de farinha, arroz, feijão, sal, café e, não raro, alguns cruzados. Era a maneira de uns garantir elogios e outros os votinhos nos dias de eleições.

Pedro Bunda atravessou a existência assim, às custas de sua inteligência: um misto de filósofo, de cicerone, de político, de "relações públicas" e de médico. Foi, talvez, o único baiano a reunir tantas habilidades...

Prisão do Quartel do Regimento de Obuses, Olinda - PE, Agosto de 1964.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

A FRONTEIRA DO GUAPORÉ

CARLOS SANTOS
EDUFRO

RESUMO: Trata-se de uma aplicação do conceito de territorialidade a um processo recente de colonização oficial derivado da expansão da fronteira agrícola nacional. Dissecam-se os mecanismos, isto é, as estratégias de delimitação e controle territorial por parte do poder político oficial, coadjuvado pelo poder econômico privado.

SUMÁRIO: Modernidade sócio-espacial; Colonização agrícola em Rondônia; Expansão da frente modernizadora; Fronteira do Guaporé; Conclusão.

Áreas de interesse: Geografia.

Palavras-chave: Amazônia, Ocupação, Território, Geografia Humana.